

**VILÉM FLUSSER E A FILOSOFIA DOS CACOS
REFLEXÕES E REFLEXOS SOBRE O VIDRO MARINHO¹**

**VILÉM FLUSSER AND THE PHILOSOPHY OF SHARDS
CONSIDERATIONS AND REFLECTIONS ON THE SEA GLASS**

Graziela Ramos Paes²

Resumo

No jornal *Folha de São Paulo*, em 1972, Vilém Flusser escreveu na coluna “Posto Zero” os textos “Cacos de garrafa I” “Cacos de garrafa II” e “Cacos de garrafa III”, nos quais nos convida a pensar nossa relação com o lixo em uma sociedade em que ele afirma ser inapta para o consumo, exatamente por não sabemos lidar com aquilo que não foi inteiramente consumido. Flusser alega que precisamos assumir o lixo para realmente superá-lo – a partir desse mote reflito sobre o vidro marinho, material que coleteo pela beira-mar de Salvador (BA). Lanço mão dos textos supracitados de Flusser, somados às aproximações entre lixo e morte (Eigenheer, 2003), às três catástrofes (Baitello Jr., 2012); e à figura do trapeiro (Benjamin, 1991).

Palavras-chave: Lixo. Vidro marinho. Vilém Flusser.

Abstract

In 1972, Vilém Flusser wrote “Cacos de garrafa I”, “Cacos de garrafa II” and “Cacos de garrafa III” in the column “Posto Zero” for the Brazilian newspaper *Folha de São Paulo*. In these texts, he invites us, readers, to think about our relationship with trash in a society that, in his view, seems unfit for consumption, as we do not know how to deal with that which has not been entirely consumed. Flusser states we must acknowledge trash to really overcome it – based on this, I make considerations on sea glass, a material I collect by the shores of Salvador (BA). In order to do so, I used the already mentioned texts written by Flusser, as well as the approximations between trash and death (Eigenheer, 2003), the three catastrophes (Baitello Jr., 2012) and the image of the ragpicker (Benjamin, 1991).

Keywords: Trash. Sea glass. Vilém Flusser.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Natureza, Cultura, Lixo, do VII ComCult, Faculdade de Comunicação da FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2018.

² Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: graziepaes@gmail.com

*Andei por
andar; andei
E todo caminho deu no mar
Andei pelo mar, andei
Nas águas de Dona Janáina
A onda do mar leva
A onda do mar traz
Quem vem pra beira da praia, meu bem
Não volta nunca mais...*

Dorival Caymmi

Início esses escritos com um relato pessoal, que será retornado adiante, no fluxo das páginas que virão.

A primeira vez em que estive em Salvador, cidade onde resido atualmente, foi em 2017, em meu período de férias. Naquele ano, além de todos os pontos turísticos tradicionais que conheci – as igrejas do Pelourinho, o elevador Lacerda, o farol da Barra, a sorveteria *A Cubana* e as barracas de acarajé do Rio Vermelho, estava em meu roteiro dois importantes pontos da Salvador colonial, o forte de Monte Serrat e a Ponta do Humaitá, localizados no mesmo perímetro urbano. Ao lado desses pontos descobri por acaso a praia da Boa Viagem que, por não ser muito divulgada pelas agências de turismo locais, logo me agradou: a paisagem era um convite para um banho de mar naquelas águas tranquilas, com vista exuberante para um pedaço da gigantesca Baía de Todos-os-Santos. Alguns dias depois pesquisando na internet, descobri que a praia da Boa Viagem havia sido um importante local de desembarque de mercadorias que abasteciam a Cidade Baixa no período colonial; também descobri que ali é um dos locais da realização da procissão marítima da festa de Bom Jesus dos Navegantes, evento anual que mobiliza a cidade e é realizado há mais de 200 anos.

Desde que conheci o mar, a não mais que dez anos, gosto de caminhar à beira-mar para catar conchas e objetos, além de observar toda a sorte de coisas que a maré traz à superfície. Na minha primeira vez na praia da Boa Viagem, mal pus os pés na areia e já percebi ali pequenos pedaços de vidro num tom fosco, com as bordas arredondadas e diversos

formatos. Eram tão bonitos que logo duvidei que aquilo realmente pudesse ser caco de vidro, perguntei a alguns vendedores ambulantes que percorriam as areias se sabiam o porquê do vidro estar daquele jeito – muitos sequer tinham reparado a existência daqueles cacos – salvo um, que logo justificou que aqueles vidros haviam sido “carcomidos” pelo sal. A caminhada que eu fazia ao longo da praia, debaixo de um sol intenso, apresentava-me cacos que brilhavam na incidência da luz, variavam entre as cores âmbar, transparente, branco, vários tons de verde e azul; raramente havia outras cores, quando existiam eram de cacos muito pequenos. A onda do mar levava, a onda do mar trazia.

Um mar de lixo

Muito além de produzir e consumir, o que mais temos feito em nossas sociedades contemporâneas é descartar. Em vários países as pesquisas científicas denunciam os males ocasionados pela nossa falta de responsabilidade com o meio ambiente. Os problemas ocasionados pelo descarte inadequado de resíduos, sobretudo dos resíduos sólidos³, tem sido a tônica de campanhas educacionais sobre a separação e a reciclagem do lixo. De lá pra cá tem se mantido a tentativa de conscientizar a população sobre o fato de que os materiais industriais levam anos, séculos e até milênios para se decomporem na natureza. Nos anos 90, as preocupações com o meio ambiente nas sociedades ocidentais emergiram, a exemplo da realização de eventos a Eco-92, a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro. Acordos políticos dos mais diversos têm sido estabelecidos nas sociedades ocidentais para o controle do lixo e dos poluentes, sendo a maioria descumpridos ou mostrando-se insuficientes diante das transformações ambientais que já anunciam calamidades, tais como mudanças climáticas e o aumento da temperatura no planeta.

O mar foi um depósito de lixo da humanidade. Durante séculos esse descarte foi deliberado, as pessoas jogavam nele tudo que não era mais considerado útil. Nas sociedades

³ Atualmente, o lixo é entendido como resíduo sólido, termo empregado no meio técnico. Quando descartados, os vidros e outros materiais como matéria orgânica, plásticos e latas são considerados lixo domiciliar, a categoria dada aos resíduos sólidos de atividades do cotidiano residencial (Eigenheer, 2003).

industriais que vivemos, regidas pelo uso do vidro, plástico, alumínio e outros materiais, o mar acabou abrigando uma diversidade de resíduos sólidos que se convertem em lixo por meio não apenas desse descarte inadequado que até hoje é frequente, mas também por fenômenos como tornados, furacões, enxurradas e acidentes marítimos que levam esses objetos para o mar. O mar foi – e mesmo com algumas décadas de discursos ecológicos e projetos ambientais que marcam nossa época – continua sendo o destino final de inúmeros resíduos, seja pela falta de interesse do poder público por políticas governamentais que deem conta desse descarte, seja pela quantidade exorbitante de lixo gerado que foge às tentativas de controle.

Segundo Zanettini & Camargo (2017), apesar de o vidro ser utilizado há milênios, a produção desse material em escala industrial tem início somente no século XIX, na França, expandindo-se para a Alemanha, Inglaterra e EUA, líderes em tecnologia vidreira. No Brasil,

apesar de pouco estudada pelos autores que tratam da industrialização brasileira, a indústria do vidro está entre os ramos industriais que apresenta crescimento contínuo durante este processo que, grosso modo, inicia-se com a vinda da família real portuguesa, em 1808. Desde os primórdios do século XIX até hoje, a produção de vidro só tem crescido em volume, apesar da ameaça recente dos recipientes feitos com derivados de petróleo. (Zanettini & Camargo, 1999, p. 55).

A produção de vidro foi aperfeiçoada e expandida por todo o mundo, sendo esse material largamente usado nos domínios da engenharia e na fabricação de objetos que possuem grande utilidade em nosso cotidiano: garrafas, pratos, copos, frascos de remédios, vasilhas, panelas e uma infinidade de outros objetos. O fato é que muitos desses utensílios, especialmente em nosso presente, no qual a compra e o descarte são palavras de ordem, transformam-se em lixo. No caso do vidro, sua decomposição na natureza pode durar até um milhão de anos, dependendo das condições ambientais em que a peça se encontra e de seus materiais de fabricação. Mesmo sendo um material que pode ser reciclado, é importante mencionar que nem todos os tipos de vidro são 100% recicláveis, além disso, para as cooperativas de coleta seletiva, o vidro é um material com pouco retorno financeiro para a

demanda de trabalho que ele exige em seu recolhimento. Diante desse cenário, vale ressaltar que grande parte dos resíduos sólidos urbanos no Brasil têm como destino direto os aterros sanitários ou lixões, pois além de muitos brasileiros desconhecerem o funcionamento da reciclagem, a maioria da população não tem acesso aos serviços das cooperações de coleta seletiva, que se geralmente estão restritas aos grandes centros urbanos.

Vilém Flusser manteve no jornal *Folha de São Paulo* uma coluna chamada “Posto Zero”, que durou de janeiro a abril de 1972, e entre os textos dela provenientes há três intitulados “Cacos de garrafa I” “Cacos de garrafa II” e “Cacos de garrafa III”. Nessas colunas, o filósofo constrói uma reflexão sobre os cacos de garrafas em uma sociedade do consumo, ou, como ele bem observa, uma sociedade inapta para o consumo, uma vez que nossa cultura não gasta a forma das coisas, não “desinforma” seus produtos. Flusser afirma:

a idade de uma determinada cultura pode ser medida pela relação ‘natureza-lixo’. Quanto mais velha uma dada cultura, tanto menos natureza tem, e tanto mais lixo. Menos futuro e mais passado. [...] A natureza está desaparecendo, o lixo está se tornando onipresente. [...] Não haverá mais cascalho, apenas cacos de garrafas. E em tal oceano de cacos, ilhas de garrafas cheias e vazias. (Flusser, 1972, s/n)

Segundo o filósofo, garrafas de vidro são produtos da cultura que se transformam em lixo. Os cacos de garrafas, por sua vez, são formas gastas e jogadas fora sem terem sido inteiramente consumidas, convertem-se em ínfimos cacos que voltam para o meio ambiente e continuam existindo por um período indeterminado de tempo. É indubitável, como nos afirma Flusser, que na relação lixo *versus* natureza, o lixo tem se tornado onipresente. Em ambientes como rios e mares, além do problema do lixo doméstico, há também a ocorrência do derramamento de resíduos químicos, a exemplo das manchas de petróleo que invadiram grande parte do litoral do Nordeste brasileiro em 2019, desastre ambiental que já é considerado o maior na história de nosso país. Apesar de terem sido e ainda estarem sendo recolhidas toneladas desse material, cientistas alegam que o desastre continuará a afetar, por pelo menos dez anos, todo o ecossistema da região, isso sem contar com as populações locais que dependem do mar para sua subsistência.

Já as ilhas de garrafas citadas por Flusser, longe de serem uma metáfora, são realidade em vários lugares do planeta, a exemplo da Grande Ilha de Lixo do Pacífico, o maior amontoado de lixo flutuante do mundo, localizado entre a Califórnia e o Havaí. A natureza é a matéria-prima que sofre transformações pela via da cultura e retorna à natureza em forma de lixo – no modelo de progresso criado pelas sociedades industriais, esse processo ocorre na velocidade da luz. Tendo em vista que a natureza é anterior e posterior à cultura, e a decomposição dos materiais na natureza é lenta, o acúmulo de lixo no meio ambiente é cada vez maior e a cada década que passa não consegue mais ser escondido de nossos olhos, como se fez em tempos passados, quando o mar foi um desses depósitos deliberados – cada vez mais o próprio mar, como sabemos, devolve aos nossos olhos esses restos não consumidos.

Campanhas de reciclagem surgiram como uma proposta, difundida sobretudo no final do século XX, para que a produção que se converte em lixo possa ser reaproveitada para gerar novos produtos ou serviços. Destarte, ideias como reduzir, reutilizar e reciclar passaram a ser divulgadas nesse tipo de discurso, oferecendo um ciclo aparentemente funcional para os materiais, de modo que nossa consciência, como consumidores, possa repousar tranquila em nossos travesseiros. Entretanto, essas ideias constituem um paradoxo, como assegura Emílio Maciel Eigenheer:

é importante repensar os 3Rs – *reduzir, reutilizar, reciclar* –, apresentados hoje à população, não raro, como panaceia para o problema dos resíduos na sociedade do consumo. De fato, apenas o *reciclar* é incentivado. A sociedade industrial, em determinadas circunstâncias, tem interesse em recuperar matéria-prima e energia! *Reutilizar*, por outro lado, contraria a lógica do consumo de massa: enfatiza o *conservar*, que por sua vez incentiva o zelo e o cuidado, valorizando o durável e o bem feito. Indicar o uso indevido da ideia da reciclagem como forma de controlar os “restos” da produção de consumo é um mister (Eigenheer, 2003, p. 155).

Em um mundo onde o marketing e a publicidade parecem dominar todos os setores da vida, a ideia de reutilizar ganha poucos adeptos. Conservar algo requer manter nosso consumo controlado, o que vai de encontro à prática do consumismo – desse modo, continuamos comprando como se não houvesse amanhã. Hoje, não é incomum a publicidade que vende

seus produtos oferecendo junto a eles sementes de árvores ou plantas para que o cliente possa “exercer” sua consciência ambiental; há empresas que dão desconto aos consumidores caso devolvam uma enorme quantidade de embalagens de produtos de sua marca, testando assim a fidelidade de seus clientes. A questão que deveria se fazer presente sobre o gesto de consumir é muito mais simples, mas nunca nos será oferecida pelo mercado: o objetivo principal não deveria ser a reciclagem, mas sim a não criação do lixo. Evidentemente todos somos consumidores e precisamos ter uma vida material digna, mas essa necessidade não presume a acumulação e constante troca de bens, muito menos a adesão irrestrita aos apelos da publicidade. Tomar esse tipo de consciência é fundamental para que desenvolvamos outra mentalidade sobre as relações humanas impostas pela cultura, e isso ocorre somente ao desnudarmos os valores simbólicos que buscamos a partir da vida material. Essa é provavelmente uma das motivações que levam Flusser a defender o desenvolvimento de *ciências do lixo*: “ciências que pesquisam o lixo material (por exemplo, a arqueologia e a ecologia). E ciências que pesquisam o lixo mental (por exemplo, psicanálise e mitologia). Tais ciências procurarão compreender o lixo, desenterrá-lo, a fim de que ele deixe de condicionar-nos e passe a obedecer à nossa vontade livre” (Flusser, 1972, s/n).

Emílio Maciel Eigenheer, de modo análogo, conduz o tema do lixo para uma via epistemológica, alegando que uma das questões centrais em se ignorar o problema do lixo reside em nossa falta de capacidade existencial para lidar com aquilo que recalamos, a saber, a questão da finitude, o alarme de que também seremos nós, quando morrermos, “restos”. Em nossa sociedade do descarte deliberado, a associação entre o lixo e a morte parece não ser de nosso interesse, são realidades das quais devemos tomar distância.

A produção e o consumo desenfreados de bens cada vez mais efêmeros passaram a ser, ao que parece, a alternativa básica para a existência. Mesmo onde os bens não são abundantes vale o sonho de possuí-los. Isto com crescentes distorções sociais e ameaças ambientais, já bastante conhecidas. [...]. Produzem-se [...] cada vez mais produtos que redundam em mais lixo. E este deve ser controlado para não denunciar a falta de sentido de semelhante esforço. Com isto, penso, a tensão lixo lembrando a morte tende a aguçar-se, reforçando, por um lado, os estigmas de afastamento relativos a ele, e por outro, gerando mecanismos para mantê-lo sob controle. [...] Cria-se um paradoxo: é preciso consumir cada vez mais para viver e manter

a vida moderna, ao mesmo tempo em que se torna necessário evitar que o produto final desse consumo – o lixo – nos ameace. Esconde-se a morte, mas um de seus representantes surge com toda a força e se coloca fora de controle (Eigenheer, 2003, p. 27-28).

Eigenheer ao aproximar lixo e morte traz o tema da *Vanitas*, conceito que teve o ápice de seu desenvolvimento em período anterior e posterior ao Renascimento, no qual a brevidade da vida é a lembrança recorrente nas mentalidades, sendo manifestada nas expressões artísticas, a exemplo da pintura. Nessa arte, constituída por um tipo específico de natureza-morta, são recorrentes as imagens de caveiras, espelhos, ampulhetas, flores murchas, velas e não menos importantes, peças de vidro – algumas delas inclusive quebradas – tais como taças e garrafas. Para o autor, a *Vanitas* oferece uma *pedagogia da degenerescência*, útil para se pensar a questão do lixo, assim “ela pode abranger, se se desejar, também os ‘resíduos sociais’ encontrados em prisões, hospícios, áreas de prostituição, hospitais de doentes terminais e asilos. Ao não desviarmos o olhar dessas produções, mas inversamente, ao expô-las e discuti-las abertamente, estaremos oferecendo a reflexão que tanto se evita” (Eigenheer, 2003, p. 160). O autor complementa:

a atenção à *Vanitas* possibilita uma discussão – tendo como cenário a morte – sobre o sentido da acumulação e a geração de bens e riquezas que ao se deteriorarem redundam em lixo. Permite refletir, outrossim, acerca dos valores que devem guiar nossa existência e aos quais devemos dedicar nossos esforços individuais e sociais. Se se apresentou quase sempre para esses dilemas uma alternativa religiosa é outra questão. Importante é resgatá-la agora, num outro contexto sociocultural bastante diverso. Não apenas se afasta a morte como se procura evitar o que dela nos possa fazer lembrar: o lixo, sim, mas também os velhos, os deserdados, os doentes, como se o que nos cerca devesse parecer perene, não obstante sua efemeridade contornada pela constante substituição por algo novo (Eigenheer, 2003, p. 142).

Em nossa existência almejamos um sentido de totalidade, muitos fazem essa busca por meio do consumo desenfreado, seja de produtos, seja de discursos, seja da busca pelas experiências que a publicidade promete em seus produtos e discursos – muitas vezes ligados inclusive às questões de responsabilidade ambiental. Diante dessa questão, os cacos de vidro,

esses restos não consumíveis, atuam como algo simbólico: desmascaram nossa finitude. Não à toa, Flusser nos lembra que o vidro quebrado pode machucar nossa carne, ferir-nos profundamente – nessa esteira defende que precisamos assumir esses cacos e alterar esse lixo em outra coisa, assim como faz a psicanálise, necessária por desenterrar o lixo imemorial no fundo da nossa mente: “é preciso não ter nojo vitoriano do lixo [...]. É preciso assumir o lixo, para realmente superá-lo. O inconsciente tornado consciente deixa de ser perigoso. Cacos de garrafas podem passar, quando aceites e assumidos, [...] base de toda uma nova cultura por ora inimaginável” (Flusser, 1972, s/n).

Vidro marinho: *made in ocean*

Imagino uma cultura por ora imaginável. Se Flusser considera que os domínios humanos não acham utilidade para os cacos de vidro na relação natureza/homem, vejo nos vidros que acho na beira-mar um processo de retorno, uma simbologia que nos ajuda a construir nossa relação existencial com os despojos da cultura. Flusser considerava os cacos de garrafas formas vazias e sem valor, que não são natureza, “quicá um dia daqui a muito tempo serão inteiramente desintegradas pela ação da natureza. Mas nós não estaremos mais aqui para presenciar isto” (Flusser, 1972, s/n). Não sei se Flusser frequentava praias, muito menos se frequentava as praias brasileiras, mas inevitavelmente o imagino caminhando pelas praias de Salvador e encontrando na beira-mar os cacos de vidro polidos. Teria dedicado algum texto a esse achado?

Ora, se nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, como afirma Heráclito, ironicamente nenhum vidro que cai na água do mar também permanece o mesmo. Ao contrário do alumínio e do plástico, que levarão um tempo imensurável para mudarem suas formas, o vidro dentro do mar passa por um processo diferente: é transformado progressivamente devido a força das marés, torna-se caco polido ao bater em rochas e corais – essa ação somada ao seu contato com a areia vai modificando paulatinamente sua superfície, suas extremidades deixam de ser cortantes. A ação do tempo e dos fenômenos que marcam esse percurso alteram a forma e a textura do caco, conferindo à peça um efeito fosco e

translúcido, tornando-o muitas vezes semelhante a uma “gema”. A essa peça em constante transformação dá-se o nome de vidro marinho (*sea glass*, na língua inglesa), também conhecido como lágrima de sereia ou vidro de praia. Hoje é utilizado por algumas pessoas como matéria-prima para artesanatos, trabalhos artísticos⁴, biojoias, objetos decorativos, além de constituir coleções particulares. Em alguns países essas coleções são expostas, a exemplo do *Sea Glass Museum*, localizado em Fort Bragg, na Califórnia⁵. Os vidros marinhos possuem seu grau de raridade dependendo de sua cor ou das marcas das fábricas gravadas em sua superfície. Essas cores também podem sofrer gradações dependendo do equilíbrio químico entre a água e os compostos desse vidro, ou dependendo da exposição do vidro aos raios UV do sol.

A sílica é um mineral, presente nas rochas e areias, que atua como componente básico para a fabricação do vidro. O vidro marinho foi um dia um vidro fabricado que, de algum modo, foi mergulhado nas águas do mar. Caco desprezível e considerado meramente lixo pelas vias da cultura, ganhou formas belas pela ação do polimento realizado pelo ambiente marítimo. Isso nos mostra que mesmo que o vidro seja resistente às alterações climáticas, e seu tempo de decomposição “natural” seja de fato muito longo, ainda assim ao cair no mar esse processo é acelerado. Se o diamante é um mineral de alto valor comercial que, retirado da natureza, é esculpido pelas mãos humanas, o vidro marinho é um material sem valor

⁴ Destaco aqui o trabalho de Elena Landinez, artista colombiana radicada em Salvador, que em sua produção e pesquisa artística teve a beira-mar da Baía de Todos-os-Santos como uma fonte de inspiração, incluindo em suas produções o uso do vidro marinho. A artista explica em seu site: “Nos últimos anos desenvolvi uma pesquisa artística, junto com o artista e pai dos meus filhos, Mark Dayves. Tínhamos a Baía de todos os santos como inspiração. Usávamos o caminhar como ferramenta, para sair na procura de objetos perdidos, trazidos e roídos pelo mar. Nosso interesse se passava nas coisas invisíveis para alguns: o lixo, a natureza deformada e todas aquelas pequenas coisas que brilhavam pela cor ou material. Uma prática de coletar, arquivar e ordenar memórias de outro tempo que sutilmente contêm as histórias desta baía. Desenho, serigrafia e *collage* foram algumas das técnicas usadas para dar vida às obras”. Disponível em: <<https://www.elelandinez.net/sobre>>. Acesso em: 23 jul de 2021.

⁵ Fort Bragg é considerado o lugar com a maior concentração de vidro marinho do mundo, pois suas praias, até os anos 1960, abrigaram uma enorme quantidade de lixo gerado por residências e empresas da cidade e suas redondezas. Foi realizado um projeto governamental para limpar a região, e muitos dos detritos que ali estavam foram removidos da orla, entretanto os vidros marinhos lá permaneceram, tornando a “Praia de vidro” muito visitada por turistas, sobretudo após a abertura do *Sea Glass Museum*, que abriga a maior exposição permanente de vidro marinho do mundo, com mais de 150.000 artefatos em exibição. Esse museu foi fundado em 2009 por Cass Forrington, um ex-capitão aposentado que costuma percorrer as praias locais em busca de peças. O museu possui um site para maiores informações: <<https://www.internationalseaglassmuseum.com/>>.

aparente, esculpido pela natureza a partir do vidro criado pelo homem, algumas vezes pelo sopro humano. “O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gênesis 2:7), nessa alusão bíblica, rememoro o gesto de fabricação dos primeiros artefatos vítreos, confeccionados a partir do sopro humano, técnica empregada ainda hoje por produtores de vidro manual.

Décadas ou séculos de sua permanência nos oceanos nos dá a ideia das enormes viagens que os vidros marinhos fazem através do tempo e dos espaços naturais – até repousarem nas areias das praias das costas e voltarem para a água no processo de subida e descida das marés. Esse vidro fornece importantes descobertas arqueológicas, mesmo que não sejam peças assentadas em lugares específicos, ao contrário dos artefatos vítreos achados em sítios arqueológicos que podem ser escavados. Por não terem “terra firme”, os vidros marinhos surgem como peças de um quebra-cabeça impossível de montar, ainda assim cada caco pode oferecer informações sobre suas origens e os processos ocupacionais da região em que são encontrados.

Aqui, faço uma digressão e trago a luz o texto de Norval Baitello Júnior (2012) no qual retoma “Reflexões Nômades”, palestra de Flusser na qual o filósofo propõe uma periodização da história do homem, sobrevivente de três catástrofes: a *hominização*, que gerou o homem nômade, marcado por seu deslocamento e acúmulo de experiências; a *civilização*, na qual ocorre a fixação do homem nos espaços, e com esse assentamento, a acumulação de bens e a invenção da escrita; e a terceira catástrofe, ainda sem nome, marcada pelo nosso descolamento delimitado ou virtual, realidade “na qual a proteção e o aconchego das habitações deixaram de existir, pois nossas casas estão perfuradas por todos os lados, tornaram-se permeáveis aos *furacões da mídia*” (Baitello, 2012, p. 27-28). Ressalto essa última catástrofe, que nos desloca virtualmente para outros espaços nos quais nunca estamos de fato, como Baitello nos lembra, para chamar a atenção para a imagem do corpo sentado, imobilizado diante das telas que nos acompanham hoje – até mesmo na praia, espaço público de lazer e contemplação, onde muitos banhistas em suas cadeiras ou cangas gastam o tempo tirando *selfies* ou *vidrados* em seus celulares, tendo o mar como uma mera “proteção de tela”. O lixo na praia, do mesmo modo, é ignorado. Ao que parece, há uma grande dificuldade de

sentimos nossos corpos integrados em um espaço, seja privado ou público – assim não somos capazes de construir relações com esses ambientes e todas as coisas ou pessoas que estão nele.

Recordo também que Walter Benjamin, grande observador das transformações da modernidade, dedicou parte de seus estudos sobre a obra de Baudelaire. Na esteira do poeta francês, refletiu sobre o crescimento das cidades modernas e todo seu processo de industrialização e problemas sociais. Comparava assim o trabalho do trapeiro, o indivíduo que vislumbra valor nos detritos que recolhe daquilo que a sociedade burguesa despreza, com o trabalho do poeta:

Trapeiro ou poeta – a escória diz respeito a ambos; solitários, ambos realizam seu negócio nas horas em que os burgueses se entregam ao sono; o próprio gesto é o mesmo de ambos. [...] o passo do poeta que erra pela cidade, à cata de rimas; deve ser também o passo do trapeiro que, a todo instante, se detém no caminho para recolher o lixo em que tropeça (Benjamin, 1991, p. 78-79).

Tal como vislumbra Benjamin uma semelhança entre os passos do poeta e os do trapeiro, não deixo de encarar minha caminhada pela praia em busca do vidro marinho como um gesto poético e de resistência, um tipo de nomadismo: por meio desse gesto conheço o espaço em que caminho e alimento uma coleção que não me custa dinheiro nenhum. Dou significado ao espaço público que frequento por meio de meu olhar, do interesse em não ignorar o lixo que chega aos meus pés. Talvez por essa razão, algumas pessoas quando me veem juntando os cacos ficam bastante curiosas, especialmente crianças, que adoram esse tipo de empreitada – em certa ocasião, algumas delas se juntaram naturalmente à caminhada; em outra circunstância fui questionada por um homem se eu participava de algum mutirão de recolhimento de lixo da praia. Sei que muitos não conseguem e não conseguiriam entender o porquê de eu ficar catando “vidro quebrado” sem que isso tenha uma motivação prática que soe coerente. O fato é que gosto de colecionar esses vidros, e apesar de muitas vezes utilizá-los para produzir objetos artísticos, meu objetivo no ato da coleta não é marcado por uma intencionalidade no uso final das peças – sempre me interessou mais a motivação pela

caminhada em si, ter o pensamento em movimento, o olhar sobre a paisagem soteropolitana e em seu chão a “garimpagem” das peças que são consideradas lixo, procurando no pensamento sobre elas imaginar as histórias que cada caco teve em sua “vida útil” – nesse último ponto, costumo mostrar minhas peças aos amigos que são arqueólogos, todos me garantem que no Brasil ainda temos pouco interesse acadêmico pela arqueologia do vidro, apesar de esse material nos dizer tantas coisas sobre nossos hábitos culturais, nossa arte, nossos modos de consumo.

Com o tempo, passei a compreender que um dos motivos da exorbitância dessas peças na Baía de Todos-os-Santos se dá pela influência das religiões de matriz africana na região: muitos vidros como frascos de perfume, tigelas, pratos, embalagens de esmalte, espelhos, etc. são *presentes*, oferecidos a Iemanjá e outros orixás, que com o tempo convertem-se em vidro marinho. Atualmente, muitos terreiros têm procurado reduzir os impactos ambientais com o abolimento do uso desses materiais nas oferendas, substituindo-os pela adoção de presentes confeccionados com materiais biodegradáveis.

Flusser alega que existem dois movimentos que servem para manifestar a dignidade humana: “pelo primeiro o homem digno assume a responsabilidade pelo seu passado [...]. Pelo segundo movimento ele procura alterar-se alterando o mundo. Assume-se pois a fim de tornar-se outro. É preciso que assumamos os cacos de garrafa. Somos responsáveis por eles e somos eles” (Flusser, 1972, s/n). *Revertere Ad Locum Tuum*, a expressão latina bastante usada como inscrição em cemitérios anuncia nosso retorno ao pó. Exprime, pelo vidro marinho, o retorno da areia ao mar. A secreção da natureza evidenciando o que fazemos na cultura consumista: produzimos lixo. Entretanto, ao mesmo tempo, “vomitados” progressivamente pelas marés, os vidros marinhos retornam e se lançam aos nossos pés, na areia da praia, gerando belas imagens da *Vanitas*. Esse processo lembra nossa finitude diante de uma natureza que muitos acreditam que não desaparecerá. Entretanto, não sabemos quantas novas transformações essa natureza sofrerá e o que mais pode vir a ser “vomitado” incessantemente aos nossos pés além dos vidros, plásticos, latas e manchas de óleo. Ainda há tempo de assumirmos essa responsabilidade? Continuaremos a *pagar* para (não) ver?

Referências

Baitello Jr., N. (2012). *O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens*. São Leopoldo: Unisinos.

Benjamin, W. (1991). *Obras escolhidas III. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo* (2a Ed.). São Paulo: Brasiliense.

Eigenheer, E. M. (2003). *Lixo, Vanitas e Morte. Considerações de um observador de resíduos*. Niterói: EdUFF.

Flusser, V. (1972). *Cacos de garrafa I-II-III*. In: Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <<http://flusserbrasil.com/artigos.html>> Consultado em 25 julho de 2021.

Zanettini, P. E., & Camargo, P. F. (1999). *Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?* São Paulo: S.C.E.